

## O Início da Restauração Católica no Brasil: 1920-1930

A proclamação da República a 15 de novembro de 1889 encontrou o episcopado brasileiro bastante debilitado. Diversos bispos estavam idosos e doentes. Eram todos de mentalidade conservadora, e alguns declaradamente monarquistas. Foi mister muita habilidade política de D. Macedo Costa para fazer com que os prelados se unissem na pastoral coletiva de 19 de março de 1890, expressando a disposição de aceitar a nova forma de governo.<sup>1</sup>

Após a morte de D. Macedo Costa em 1891, o episcopado brasileiro ficou sem liderança.

Pode-se afirmar que durante os trinta primeiros anos o decreto de separação entre Igreja e Estado promulgado em abril de 1890 foi mantido rigidamente. Por parte dos líderes políticos, houve um desconhecimento quase completo da ação e da presença da Igreja. Dominava o pensamento liberal e positivista. Por parte da hierarquia católica, continuou o esforço por consolidar a reforma católica, movimento iniciado em meados do século XIX.<sup>2</sup> A Igreja Católica preocupava-se principalmente com a sua organização e vida interna.

Durante esse período houve algumas tentativas de afirmação social com os Congressos Católicos. Cogitou-se até na criação de um Partido Católico e de uma Universidade Católica.

Não obstante, durante as primeiras décadas da época republicana, Igreja e Estado atuam separadamente, ignorando-se praticamente no exercício de suas atividades.

Na abertura das Conferências Eclesiásticas dos Bispos do Sul do país em 1915, o Cardeal Arcoverde defende a Igreja dessa atitude de retraimento, mas os fatos que apresenta são pouco convincentes.<sup>3</sup>

No ano seguinte Francisco de Macedo Costa publicou um livro bastante significativo, *Lutas e Vitórias*, em que procura revalorizar a figura de seu irmão, o bispo do Pará, acusado de ter sido muito condescendente com o regime republicano em formação. A mentalidade monárquica perdurava ainda muito forte entre os católicos. Ainda em 1916, ao assumir o governo da diocese de Olinda e Recife, D. Leme publica a célebre carta pastoral de saudação sobre a seriedade do ensino religioso, um verdadeiro manifesto em pró de uma presença efetiva da Igreja Católica na sociedade. Esse programa de ação será executado pelo cardeal Leme na década 1920-1930, ao ser transferido para a arquidiocese do Rio de Janeiro.

Com a presença de D. Sebastião Leme na capital da República a partir de 1921, o episcopado brasileiro ganha um novo líder. Sua concepção de Igreja é bastante análoga à de D. Macedo Costa.<sup>4</sup> Por vinte anos haverá ele de levar avante a tarefa de afirmação

---

1. Vide AZZI, Riolando, *D. Antônio de Macedo Costa e a posição da Igreja do Brasil diante do advento da República em 1889*, em Síntese, 1976, julho-dez., 45-69.

2. AZZI, Riolando, *O movimento de reforma católica durante o século XIX* em REB (34) 1974, 646-662.

3. Em sua alocução, o Cardeal Arcoverde afirmava textualmente: "Os frutos que temos colhido das Conferências episcopais, a harmonia e identificação de vistas, por assim dizer, que se tem firmado entre os Srs. Bispos, não só como outrora, puramente hierárquica, mas pessoal, direta, íntima e redundando em bem entendida unidade de ação; as reformas salutares que tem resultado de nossas disposições, relativas à ação dos párocos, à disciplina do clero, à prática do culto e à devoção dos fiéis; o impulso dado ao movimento católico social, que, fora da Igreja e concretizado em associações, círculos, congressos, revistas ou jornais ou obras da imprensa, não mais permite exprobar-se à ação católica no Brasil o não transcender ela os horizontes estreitos das sacristias" (*Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre, Rio de Janeiro, 1915, X*).

4. Sobre a atuação e concepção da Igreja de D. Macedo Costa vide os artigos de Riolando Azzi, *D. Romualdo Seixas e D. Macedo Costa, dois propugnadores da liberdade da Igreja no século passado*, em Revista de Cultura Vozes, 1974, n. 6. 53-59; *D. Antônio de Macedo Costa e a Reforma da Igreja do Brasil*, em REB, (35) 1975, 683-701.

da hierarquia católica no Brasil. Outros bispos, padres e leigos colaboraram também nesse esforço por evidenciar o poder social da Igreja.

É durante o decênio 1920-1930 que se inicia essa nova etapa da história da Igreja no Brasil, que pode ser designada como período de Restauração Católica.

Duas são as idéias que dominam os líderes do catolicismo: maior presença da Igreja, e colaboração efetiva com o governo.

Em primeiro lugar, a necessidade de uma maior presença atuante da Igreja na sociedade: o episcopado deseja efetivamente ter um papel de liderança entre o povo brasileiro.

Em segundo lugar, e como decorrência desse princípio, a Igreja dispõe-se a colaborar efetivamente com o governo para manter a ordem e a autoridade constituída na sociedade brasileira.

Essas idéias encontram acolhida favorável por parte do governo, que percebe na Igreja uma valiosa força auxiliar na contenção dos movimentos revolucionários que começam a eclodir nesse período. Desse modo, esse decênio marcará também o reatamento efetivo das relações entre Igreja e Estado no Brasil, num desejo de mútua colaboração.

Neste artigo analisaremos especialmente o primeiro aspecto.

### PRESENÇA DA IGREJA NA SOCIEDADE

Na carta pastoral de 1916 D. Leme afirmava:

“Direitos inconcussos nos assistem em relação à sociedade civil e política, de que somos a maioria. Defendê-los, reclamá-los, fazê-los acatados é dever inalienável. E nós não o temos cumprido... Somos católicos de clausura: a nossa fé se restringe ao encerro do oratório ou à nave das igrejas...”

Durante o decênio 1920-1930 o episcopado brasileiro, com a colaboração do clero e laicato, procurará de fato criar uma nova imagem da Igreja Católica, através de uma série de iniciativas de caráter social.

O Rio de Janeiro será o centro desses principais eventos, entre os quais se destacam o Congresso Eucarístico de 1922 e o Júbileu do Cardeal Arcoverde em 1924.

O grande líder da Restauração Católica é o arcebispo — coadjutor do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, que no fim da década será

elevado à dignidade cardinalícia. A progressiva afirmação da Igreja na sociedade brasileira é fundamentalmente obra sua.

Neste estudo queremos indicar as datas, os eventos, as pessoas e as publicações mais significativas desse período. É um quadro global, que exige evidentemente um aprofundamento posterior.

## 1. AS DATAS

A cronologia desse período pode ajudar a uma compreensão mais exata do seu significado na história da Igreja do Brasil.

- 1921 — fevereiro, 24. D. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda, recebe telegrama da Nunciatura Apostólica comunicando sua nomeação para arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro.
- julho. D. Sebastião Leme chega ao Rio de Janeiro.
  - novembro, 21. Transferência de D. Antônio dos Santos Cabral, bispo de Natal para a diocese de Belo Horizonte.
  - fundação da revista *Ordem*, sob a direção de Jackson de Figueiredo.
- 1922 — abril, 22. O arcebispo D. Leme desfila num carro ao lado do presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro.
- setembro, 26 a 30. Celebração do Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro, em comemoração do Centenário da Independência. Pela numerosa presença de bispos, e participantes, tomou o aspecto de um Congresso Nacional.
  - outubro, 4. Lançamento da 1.<sup>a</sup> pedra do monumento ao Cristo Redentor, no alto do Corcovado.
  - dezembro, 28. Fundação da Confederação Católica do Rio de Janeiro, por D. Leme, reunindo as Associações Católicas da arquidiocese.
  - fundação do Centro D. Vital.
- 1923 — junho, 14. D. Leme publica o livro *Ação Católica*.
- celebra-se no Rio de Janeiro um Congresso do Apostolado da Oração, em comemoração do Centenário das Aparições de Paray-le-Monial.
- 1924 — fevereiro, 1. D. Antônio dos Santos Cabral é nomeado arcebispo da arquidiocese de Belo Horizonte, recentemente criada.
- maio, 3. Celebração da Páscoa dos Militares no Rio de Janeiro, por ocasião das festas do Jubileu do Cardeal Arcoverde.
  - maio, 4. O Presidente da República Artur Bernardes, visita o Cardeal Arcoverde no palácio da diocese.

- maio, 5. Banquete oferecido pelo Itamarati ao episcopado brasileiro pelo Jubileu do Cardeal Arcoverde, com discurso do Ministro das Relações Exteriores Felix Pacheco.
- 1925 — janeiro, 1. O Jornal do Comércio publica um volume especial sobre a Igreja Católica em comemoração do Jubileu de 1925 — Ano Santo.  
— celebra-se no Rio de Janeiro a Semana do Catecismo.
- 1926 — celebra-se no Rio de Janeiro a Semana Missionária.
- 1927 — abril — D. Leme viaja para a Europa por motivos de saúde, regressando em julho.  
— setembro, 7. Os bispos de Minas Gerais reúnem-se em Belo Horizonte para uma celebração religiosa por ocasião da tomada de posse do presidente Antônio Carlos R. de Andrade.
- 1928 — agosto, 15. Alceu de Amoroso Lima, recém convertido ao catolicismo, recebe a comunhão das mãos do Pe. Leonel Franca.  
— setembro, 1 a 6. Celebra-se o 1.º Congresso Catequístico em Belo Horizonte.  
— setembro, 6. Em nome do governo do Estado de Minas Gerais, o Secretário do Interior Francisco Campos autoriza o ensino do catecismo nas escolas.  
— outubro, 7 a 22. Celebra-se no Rio de Janeiro a Semana Social da Ação Católica.  
novembro, 4. Morte de Jackson de Figueiredo.  
— novembro, 5. Primeiro encontro de D. Leme com Alceu de Amoroso Lima.
- 1929 — D. Leme funda a Ação Universitária Católica (A.U.C.) movimento que prepara a criação da Ação Católica.
- 1930 — abril. Morte do Cardeal Arcoverde.  
— junho, 5. D. Leme recebe a notícia de sua nomeação cardinalícia.  
— julho, 2 e 3. D. Leme recebe o barrete e o chapéu cardinalício das mãos do Papa Pio XI em Roma.  
— outubro, o Cardeal Leme regressa ao Brasil.  
— outubro, 24. O Cardeal Leme acompanha o presidente da República Washington Luís, na saída do palácio do governo, ao ser deposto pela revolução.  
— novembro, 3. Tomada de posse do governo revolucionário de Getúlio Vargas.

## 2. OS EVENTOS

Diversos acontecimentos marcaram a nova orientação que assume a Igreja Católica do Brasil na década 1920-1930.

### *O Centro D. Vital e a Revista Ordem*

O início da publicação da Revista *Ordem* e a criação do Centro D. Vital são dois acontecimentos que estão intimamente unidos. É o início da mobilização da intelectualidade católica, sob a orientação de D. Leme, para levar avante a obra de Restauração Católica no Brasil.

Os nomes são bastantes significativos. A palavra "ordem" evoca o lema da república "Ordem e Progresso", estampado na bandeira brasileira, de sabor positivista. Em face dos movimentos revolucionários que começam a se manifestar, os católicos, sob a liderança de Jackson de Figueiredo, levantam a bandeira da *Ordem*. A religião deve constituir um elemento de ordem na nação, em face dos movimentos considerados anárquicos.

O nome "D. Vital" lembra o caráter combativo do bispo de Pernambuco na defesa dos direitos da Igreja contra as pretensões do regalismo imperial e contra o poder da maçonaria. A Restauração Católica será implantada mediante a apologia da fé contra o liberalismo, o positivismo e o protestantismo.

Antônio Carlos Vilaça ressalta a importância desses dois fatos nos seguintes termos:

"Em 1921, com Hamilton e José Vicente de Souza, funda Jackson a revista *A Ordem*, à qual logo se segue a fundação do Centro, no mesmo ano da fundação do P.C.B. Era o ciclo revolucionário que começava. Semana de Arte Moderna (de 3 dias, 13, 15 e 17 de fevereiro), tenentismo, partido comunista, reação católica ou contra revolução espiritual. Era o Centenário da Independência política".<sup>5</sup>

Por sua vez, Irmã Maria Regina coloca ênfase entre os elos que vinculam o Centro D. Vital ao arcebispo D. Leme.

"Com o seu senso de Igreja, o fundador do Centro D. Vital sabia instintivamente que o arcebispo tinha luzes especiais, mais elevadas e mais claras e seguras do que suas próprias luzes para resolver o problema da nossa recristianização. É significativo que ele começasse todas as suas cartas a D. Sebastião pedindo-lhe a bênção

---

5. VILAÇA, Antônio Carlos, *O pensamento católico no Brasil*, Rio de Janeiro, 1975, 103-104.

para si e "para os soldados do Centro". Jackson de Figueiredo e mais tarde Alceu de Amoroso Lima realizaram fielmente uma obra grandiosa de apostolado que, sem deixar de ser deles, foi primordialmente obra de D. Sebastião".<sup>6</sup>

### *O Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro*

O grande evento de 1922 foi a celebração do Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro, por ocasião das festas do Centenário da Independência do Brasil. Essa manifestação de fé fora idealizada por D. Leme como forma de mostrar a força social da religião católica. Pela primeira vez a capital da República acolheu um grupo numeroso de bispos vindos de todo o Brasil. Na semana do Congresso discursaram vários oradores célebres, clérigos e leigos, enaltecendo o valor da fé católica, e insistindo na necessidade de reafirmá-la na sociedade brasileira.

Desde a carta de convocação para o Congresso Eucarístico a 15 de junho de 1922 D. Leme enfatizara o valor da religião católica para a situação histórica que vivia a nação.

"No meio das desilusões e angústias da hora presente, escrevia ele, quando nas fosforescências e aclamações ruidosas das festas cívicas, no coração de muitos haja esmorecido a confiança nos destinos da República, nós, que temos fé no Deus que ama a Terra de Santa Cruz, e não podemos descreer dos destinos do Brasil, nós genuflexos aos pés da Eucaristia, seremos a fé, a adoração, a prece, a reparação, o amor, a alma da Pátria".<sup>7</sup>

E no discurso de encerramento do Congresso Eucarístico, D. Leme afirmava:

"O povo brasileiro já não suporta o peso de uma política agnóstica, sem princípios, sem fé e sem ideal. Que o Senhor dos milagres ilumine a consciência dos nossos homens, que o Senhor conserve e suscite os homens sérios, os homens retos, os homens de juízo, que de nada mais precisa o Brasil para ser a nação mais rica e mais poderosa do mundo. Que Jesus sacramentado ressuscite nas classes dirigentes do país a fé que salva os homens e as Nações! Que o Senhor dê a mão ao meu Brasil, e elevando-o ao nível de um grande estado cristão, o conserve e sustente na fé que presidiu ao nascer e ao desdobramento da nossa civilização. E guiado pela mão

---

6. SANTO ROSARIO, Irmã Maria Regina, *O cardeal Leme*, Rio de Janeiro, 1962, 179.

7. *Primeiro Congresso Eucarístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1922, 12.

amiga de Cristo, o Brasil entrará neste segundo século de vida nacional autônoma, numa ascensão vitoriosa e serena na escalada do progresso e da glória".<sup>8</sup>

### *O monumento a Cristo Redentor*

A construção do monumento a Cristo Redentor no alto do Corcovado foi outra maneira através da qual o episcopado quis manifestar a implantação da Restauração Católica no país.

Ao descrever as festas do Centenário da Independência em setembro de 1822, na biografia de Eptácio Pessoa, sua filha Laurita afirma:

"No mesmo dia 8 um grupo de prelados, tendo à frente o velho Cardeal Arcoverde, Monsenhor Cherubini e o Arcebispo D. Leme assistiram no alto do Corcovado ao levantamento de uma flâmula, no local onde se elevaria mais tarde a imagem do Cristo Redentor. Havia pouco mais de um ano, com a investidura de D. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda, no cargo de arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, tomara corpo o sonho, alimentando em tempo por um velho sacerdote francês Padre Bos, de erguer na mais alta montanha do Rio a imagem do Salvador. Pedida a autorização do presidente da República, este fê-la depender de um parecer do Procurador Geral, que declarasse a idéia conforme o rigoroso laicismo da Constituição de 91. O parecer veio favorável, e antes do Centenário pôde Eptácio Pessoa assinar o decreto concedendo à imagem divina um dos seus mais belos pedestais".<sup>9</sup>

Na biografia de D. Leme, escrita pela mesma autora, já agora sob o nome de irmã Maria Regina, encontram-se mais alguns dados sobre o início da obra.

"Chegando ao Rio, D. Sebastião reencetara a campanha quase extinta pró-monumento ao Cristo Redentor, e no ano do Centenário, promovera aquele "plebiscito em favor de Nosso Senhor Jesus Cristo" que fora o Congresso Eucarístico do Rio. A presença ostensiva da senhora do Presidente da República às cerimônias e sessões do Congresso Eucarístico, e mais ainda o decreto presidencial permitindo a ereção da estátua de Cristo no Corcovado eram índices de uma nova mentalidade. A assinatura desse decreto, atrairia, aliás, sobre o Presidente da República, muitos telegramas e cartas de protestos, enviados de vários pontos do país, por pes-

---

8. *Primeiro Congresso Eucarístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1922, 118.

9. GABAGLIA, Laurita Pessoa Raja, *Eptácio Pessoa*, Rio de Janeiro, 1951, II, 605.

soas que consideravam o ato do Executivo uma derrogação à neutralidade do Estado".<sup>10</sup>

A iniciativa da obra coube portanto a D. Leme e a meta era a mesma do seu governo episcopal: reafirmar a presença do catolicismo na sociedade brasileira.

Num artigo publicado em 1925 o padre Heliodoro Pires enfatiza esse aspecto, escrevendo aos jovens brasileiros:

"Quando o pessimismo anda em tantas almas, senhores jovens, fazeis apelo solene ao patrimônio moral da raça. Apoiéis e quereis dar o calor de vosso entusiasmo ao formosíssimo projeto da colocação da estátua de Cristo no alto do Corcovado.

Vai nisto a vossa convicção profunda de que só a religião pode dar a um povo consciência de si mesmo.

Os homens, as pátrias, valem conforme o seu grau de religião".

Convém notar aliás, que o artigo trazia este significativo subtítulo: "Um gesto de D. Sebastião Leme e a defesa do patrimônio espiritual da raça".<sup>11</sup>

### *A Confederação Católica*

A 8 de dezembro de 1922 D. Leme fundou a Confederação Católica do Rio de Janeiro. A Confederação das Associações Católicas devia ser um órgão coordenador e dinamizador do apostolado leigo.

"D. Sebastião nela via a promessa da solução de um problema vital: a transformação dos nossos católicos, sinceros mas inoperantes, num exército conquistador que, sob as ordens da hierarquia, se lançasse ao combate pelo reino de Cristo".<sup>12</sup>

A 14 de julho de 1923 D. Leme escreveu um livro de orientação da Confederação Católica, sob o título: *Ação Católica — instruções para a organização e funcionamento das Comissões Permanentes da Confederação Católica do Rio de Janeiro*.

Em modo análogo ao Centro D. Vital, a Confederação devia constituir um instrumento de penetração do pensamento e da concepção cristã de vida na sociedade brasileira.

---

10. SANTO ROSÁRIO, Irmã Maria Regina, *O cardeal Leme*, Rio de Janeiro, 1962, 170.

11. PIRES, Heliodoro, *Na visão dos nossos destinos*, em *Jornal do Comércio*, Edição Comemorativa do Ano Santo, Rio, 1 de janeiro de 1925, 87.

12. SANTO ROSÁRIO, Irmã Maria Regina, *O cardeal Leme*, Rio de Janeiro, 1962, 144.

No livro D. Leme retoma alguns pensamentos já emitidos em sua pastoral de 1916, apresentando o seguinte contexto social da época: "A heresia protestante que milionários norte americanos juraram implantar no Brasil; o espiritismo de superstições grosseiras a apoiar-se na ignorância, pobreza e curiosidade malsã das camadas populares, a mania laicista de alguns espíritos das classes dirigentes, a falta de instrução religiosa do povo, a comercialização de muitos órgãos de opinião pública, a influência mortífera de certas publicações, a banalidade literária, a mela ciência, a paixão de figurar e de subir, o *Cabotismo*, o *Arrivismo*, o despudor que esta-deia em plena rua — sinais dos tempos! — a naturalidade com que dirigentes e povo toleram essas coisas, a quase insensibilidade com que nos vamos habituando à falta de idealidade políticas, ao desprestígio das instituições e ao desmoronar-se das nossas tradições — tudo isso são elementos nada propícios à conservação e firmeza do sentimento religioso na consciência nacional".

Em seguida lança um apelo análogo ao de 1916:

"Não é com as meias tintas de uma vida religiosa *intramuros*, nem com a criação dispersiva de mil e uma obras desordenadas que chegaremos a vencer a penetração ousada das seitas e o marasmo espiritual de nosso ambiente.

Impõe-se a ação católica, mas ação que seja católica, sobrenatural, coordenada, nutrida de sacrifício, sem personalismo e sem incompatibilidades preestabelecidas".<sup>13</sup>

### *A Páscoa dos Militares*

Desde o Congresso Eucarístico de 1922 D. Leme encetou a promoção das grandes Páscoas Coletivas de Homens.

A mais importante nessa década, pelo seu significado político-religioso, foi a Páscoa dos Militares, promovida em 1924, por ocasião das festas jubilares do Cardeal Arcoverde.

"A mais grandisa das cerimônias, escreve Irmã Maria Regina, foi a Páscoa das Classes Armadas, que D. Leme preparara até nos menores detalhes. Além da homenagem prestada ao Cardeal, tinha ela um duplo fim: começar pela aproximação de uma das classes mais representativas do país, a cristianização do Brasil "temporal" e dar mais um passo na sonhada arregimentação dos homens católicos.

A páscoa das Classes Armadas realizou-se numa missa celebrada no Campo de Sant'Ana, no dia 3 de maio, às oito horas de uma

---

13. LEME, Dom Sebastião, *A Ação Católica*, Rio de Janeiro, 1923, 100.

e mar (naquele tempo, a aviação militar não constituía ainda força independente)".<sup>14</sup>

Muito significativas as palavras dirigidas nessa oportunidade pelo arcebispo D. Leme:

"Hoje mais do que nunca, o Brasil precisa de valores morais e das forças restauradoras da espiritualidade cristã... Vai desaparecendo no povo brasileiro a confiança nos altos destinos da Nação. Dir-se-ia que um germen fatal se inoculou no organismo da República, germen de morte a manifestar-se na indiferença geral com que os habitantes do país encaram os mais graves problemas da Nacionalidade, na inércia das classes cultas e na ignorância das camadas populares, no comodismo argentário de alguns e no desinteresse mórbido de outros; na incúria de não poucas administrações públicas e na rebeldia contumaz dos subordinados".

E acrescenta a seguir:

"Senhores do Governo, senhores da Igreja, do Exército da Armada e do povo! Nós não seremos dignos de nós mesmos, não seremos dignos de nossa pátria se cada um em sua esfera, não concorrermos para que um vento de ressurreição sacuda o organismo social do Brasil...

Soldados do Brasil, sede fiéis aos vossos deveres para com Deus, sede fiéis aos vossos deveres para com o Brasil, fiéis às instituições, fiéis ao cumprimento da lei; fiéis à disciplina, fiéis à virtude, fiéis ao povo, fiéis à Cruz e à bandeira".<sup>15</sup>

Em outra passagem de sua obra, Irmã Maria Regina refere-se a esse acontecimento nos seguintes termos:

"Foi grandiosa a Páscoa dos Militares no Campo de Sant'Ana em 1924 e logo se firmou em tradição. Tornou-se também por essa época o hábito de fazer benzer as espadas dos cadetes e guardas-marinhas, e os anéis de formatura dos bacherelados. D. Sebastião prestava-se muitas vezes a realizar ele próprio essas cerimônias, que lhe deram aliás, ensejo de pronunciar alguns discursos dos mais expressivos".<sup>16</sup>

### *O Congresso Catequístico de Belo Horizonte*

A maior parte dos eventos dessa fase inicial de implantação da Restauração Católica realizaram-se no Rio de Janeiro, sob a inspiração de D. Leme.

---

14. SANTO ROSÁRIO, Irmã Maria Regina, *O cardeal Leme*, Rio de Janeiro, 1962, 163.

15. SANTO ROSÁRIO, Irmã Maria Regina, o. c., 165-166.

16. SANTO ROSÁRIO, Irmã Maria Regina, o. c., 186.

Não obstante, também Belo Horizonte tornou-se teatro de um evento de repercussão nacional. A celebração do primeiro Congresso Catequístico do Brasil, promovido pelo arcebispo D. Cabral.

Em sua pastoral de 14 de abril de 1943 o próprio arcebispo evoca a importância desse Congresso, com as seguintes palavras:

“Lembramo-vos apenas que em setembro de 1928, com o concurso do nosso venerando clero e dos elementos do laicato católico, em que foi sempre privilegiada a querida diocese, coube-nos efetuar o primeiro Congresso Catequístico do Brasil. Abriam-se então para o nosso ensino religioso e para a formação cristã de nossa infância e juventude, perspectivas de marcante relevo. Abençoou Deus, de maneira impressionante, esta iniciativa, que visava a golpear o espírito laicista, sobrevivência nefasta daquele espírito que informava a primeira República de inspiração positivista. O governo de Minas Gerais, então nas mãos do benemérito Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, teve o desassombro de romper as muralhas chinesas que cercavam a cidadela da Escola. Premido, contagiado pelo calor do Congresso Catequístico, promulgou Sua Exa. um ato que, por entre indescrevíveis aclamações do recinto da Assembléia Católica, em incoercível tempestade de entusiasmo, repercutiu todos os recantos da imensa pátria brasileira.

Pouco depois, na legislatura de 1929, a Assembléia Legislativa de Minas regulava definitivamente por lei, a inestimável conquista dos católicos mineiros. De todos os peitos, arfantes de sagrado fervor, ouviram-se as estrofes do hino do Congresso Catequístico, letra do poeta e católico combatente Dr. Mário de Lima: “A luz do catecismo, no coração do povo, espalha um clarão novo, de fé e de civismo”. Dirigimos, nesta data, aos nossos filhos, uma pastoral sobre o tema “A Igreja e o Ensino”.

E D. Cabral conclui:

“Após a vitoriosa revolução de 1930, com o espírito público e o tato político que o assinalam, o preclaro Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, sendo ministro da Educação o ilustre pensador mineiro Dr. Francisco Campos, promulgou para todo o país, a Carta Magna da Infância e da Juventude, autorizando o ensino religioso facultativo dentro do horário escolar. Não é possível pôr em dúvida que esse decreto, o mais inspirado e oportuno do Presidente Vargas, encontrou sua origem na repercussão nacional do êxito do Congresso Catequístico de Belo Horizonte”.<sup>17</sup>

---

17. CABRAL, D. Antônio dos Santos, *A ação católica. Carta pastoral*, Petrópolis, 1943, 4.

É interessante notar, aliás, que o documento enviado pelo Governo de Minas ao Presidente do Congresso Catequístico de Belo Horizonte em data de 6 de setembro de 1928 fora assinado pelo mesmo Francisco Campos, então secretário do interior. O ofício é do seguinte teor:

"Comunico a V. Exa. que o Sr. Presidente do Estado, atendendo a reiterados apelos que lhe têm sido dirigidos da parte de várias associações católicas e do próprio Congresso Catequístico, era reunido nesta capital, e considerando que vai ao encontro dos sentimentos e aspirações do povo mineiro, resolveu permitir que, uma vez por semana, e dentro do horário, se ministre aos alunos dos estabelecimentos de instrução primária o ensino do catecismo".<sup>18</sup>

Quem leu a mensagem no Congresso foi o secretário do Presidente do Estado, o Dr. Mário de Lima, o próprio autor do hino do Catecismo. No ano seguinte ele publicou um alentado volume narrando todos os passos dados nos anos anteriores para se chegar à obtenção do ensino religioso nas escolas, sob o título *O bom combate*.

### 3. OS LÍDERES

O movimento de Reforma Católica, implantado no Brasil no século XIX, fora sobretudo obra do episcopado, com a colaboração de alguns institutos religiosos. Também a Restauração Católica, que mantém fundamentalmente o espírito tridentino, será orientada pelos bispos do Brasil. À frente deles está D. Leme, o arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro.

Reunindo sucessivamente em 1922, para o Congresso Eucarístico, e em 1924, para as festas jubilares do Cardeal Arcoverde, as figuras mais destacadas do episcopado, conseguiu D. Leme transmitir a outros bispos o ideal restaurador. Entre esse merecem ser lembrados D. Cabral, D. João Becker, D. Duarte Leopoldo, D. Joaquim Silvério e D. Aquino Correia.

Entre os sacerdotes, merece destaque a figura do jesuíta Leonel Franca. E entre os leigos, Jackson de Figueiredo, Tristão de Ataíde e Mário de Lima, sendo os dois primeiros íntimos colaboradores de D. Leme.

#### *D. Sebastião Leme*

O manifesto em prol da Restauração Católica fora lançado por D. Leme em 1916, ao ser nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Mas

---

18. MENEZES, Furtado de, *Clero Mineiro*, Rio de Janeiro, 1936, II, 128-129.

a obra restauradora será iniciada efetivamente ao assumir a administração eclesiástica da arquidiocese do Rio de Janeiro em 1921, em substituição ao velho Cardeal Arcoverde.

O Congresso Eucarístico de 1922 será um marco efetivo na implantação da nova mentalidade católica.

A crise da República, segundo o pensamento de Leme, se deve principalmente à falta de uma presença ativa da Igreja Católica na vida nacional. Somente mediante a colaboração efetiva da Igreja serão mantidos os valores de ordem e autoridade, e se poderá evitar ou frear o avanço dos movimentos revolucionários. Para isso é necessário que a República abandone o seu caráter agnóstico e laicista, e seja efetivamente permanente pelos valores da religião católica.

Já na carta de 15 de junho de 1922, anunciando o Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro, D. Leme afirma:

“Considerando ainda que o verdadeiro progresso e a felicidade das nações não podem prescindir das forças espirituais, únicas que podem conter a ânsia desmedida de gozar, enriquecer e mandar, causa final dos males que hoje, mais do que nunca, afetam o nosso organismo social, nós católicos, devemos enviar todos os esforços para que, ao entrarmos no segundo século de autonomia política, revivam na alma brasileira, pensamentos de fé e espiritualidade que, reintegrando a nossa vida privada e pública, muito especialmente nos princípios austeros da probidade cristã, façam desaparecer da nossa gente a obsessão grosseira dos interesses do “eu” e o conseqüente menosprezo das idealidades imortais da Moral e da Pátria”.

E acrescenta em seguida:

“Conhecendo os sentimentos religiosos da nossa capital, é de crer que toda a população venha formar elas à passagem triunfal de Jesus Hóstia. E assim, nas comemorações centenárias da nossa Independência política, teremos a consolação de mostrar que, católico em sua maioria, o povo brasileiro proclamou a sua independência dos freios tiranizantes do respeito humano e do agnosticismo, subtraindo-se do ambiente asfixiante de uma política que destrói, ou quando muito, cuida apenas de um progresso material vistoso e aparente”.<sup>19</sup>

Para D. Leme é vital unir num binômio Pátria e Religião, sendo esta última o catolicismo.

---

19. *Primeiro Congresso Eucarístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1922, 11-12.

A 26 de setembro de 1922, na sessão inaugural do Congresso Eucarístico o Dr. Plácido de Melo, na saudação ao episcopado nacional, afirmava, referindo-se a D. Leme:

“Em meio das festas da Independência, a fibra do coração do grande arcebispo que mais vibra é a do patriotismo. Por isso ele propõe e todo episcopado aplaude a consagração do Brasil ao Coração Eucarístico de Jesus.

E com essa consagração se abre, para nós, Senhores, como uma alvorada, um novo centenário de lutas e vitórias”.<sup>20</sup>

A partir do Congresso Eucarístico de 1922 D. Leme se transforma no líder incontestado da Restauração Católica no Brasil.

#### *D. Antônio dos Santos Cabral*

Outra figura que se destaca na década 1920-1930 na implantação da Restauração Católica é o primeiro arcebispo de Belo Horizonte, D. Cabral. Bispo de Natal, fora ele transferido para Belo Horizonte em fins de 1921.

“Uma de suas primeiras iniciativas, escreve Mário de Lima, foi a fundação da imprensa diocesana, onde começou a ser editado “O Horizonte” órgão do Conselho de Imprensa Arquidiocesana, semanal a princípio, bisemanal atualmente e diário dentro de breves meses...

No dia 5 de abril de 1927 lançou D. Cabral os fundamentos da Confederação das Associações Católicas de Belo Horizonte...”

E acrescenta:

“O acontecimento de maior repercussão religiosa e social, desde a fundação do bispado de Belo Horizonte, foi sem dúvida a reunião do 1.º Congresso Catequístico, convocado a 14 de abril de 1928, por D. Antônio dos Santos Cabral...”<sup>21</sup>

Na Carta de convocação do Congresso o arcebispo de Belo Horizonte afirma, em modo análogo a D. Leme, a necessidade da Restauração Católica.

“Entretanto em nossos tempos, filhos amantíssimos, — escreve ele — ainda mais que outrora, são levada a termo as mais audaciosas tentativas de laicização, o que vale dizer, de descristianização da sociedade.

---

20. MELO, Plácido, *Pelo Altar e Pela Pátria*, Rio de Janeiro, 1923. Vide *Primeiro Congresso Eucarístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1922, 75-78.

21. LIMA, Mario de, *O Bom Combate*, Belo Horizonte, 1929, 259.

Quando, semelhante menosprezo e repulsa ao influxo da doutrina e da moral cristãs na formação das novas gerações?

O atual Pontífice, instituindo a festa de Cristo Rei, em sua momentosa encíclica "Quase primas", com aquela acuidade intelectual e intrepidez apostólica que todos lhe admiram, despertou a atenção do Episcopado e do mundo católico para as ameaças e calamitosas devastações provenientes do que ele chama, com propriedade "a peste do laicismo"...

No intuito de alertarmo-nos para os novos embates e concertar os meios práticos de ação que assegurem os inalienáveis direitos de Cristo Rei, não haverá como a sementeira de novas idéias e a orientação de equilibradas energias que o Congresso Catequístico virá suscitar e nortear".<sup>22</sup>

Convém recordar que desde o início da década de 20 Pio XI assumira o governo da Igreja Católica. O arcebispo D. Cabral, como D. Leme também, encontram apoio no pensamento e nas diretrizes do Pontífice em suas atividades pastorais. Aliás, os dois arcebispos se caracterizam por iniciativas concretas que traduzem na prática sua concepção sobre a necessidade da Restauração Católica.

O Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro em 1922 e o Congresso Catequístico de Belo Horizonte podem ser considerados como os dois acontecimentos mais expressivos da época com relação à nova atitude do episcopado.

Se o êxito do primeiro deve ser atribuído ao dinamismo de D. Leme, o segundo se deve a D. Cabral e à sua concepção do catolicismo como força social de renovação da sociedade.

### *D. João Becker*

Em 1912 o velho arcebispo de Porto Alegre D. Cláudio Ponce de Leão renunciara ao governo diocesano e fora substituído por D. João Becker.

"O grande bispo D. João Becker, escreve Apolônio Nobrega, foi uma das mais destacadas e esclarecidas figuras do episcopado nacional. À frente dos destinos espirituais da terra gaúcha manteve-se o ilustre antístite durante 34 anos, realizando no decorrer de todo esse tempo uma obra religiosa, social e cívica das mais fecundas"<sup>23</sup>

---

22. LIMA, Mario de, *O Bom Combate*, Belo Horizonte, 1929, 259-260.

23. NÓBREGA, Apolônio, *Dioceses e Bispos do Brasil*, em R.I.H.G.B., vol. 222, Rio de Janeiro, 1954, 262.

Coube-lhe fazer a abertura do Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro. Pelas idéias expressas nessa oportunidade, se percebe que também ele estava consciente da necessidade da implantação da Restauração Católica, mediante a união dos interesses da Religião e da Pátria.

“Aceitei a pesada incumbência, afirma D. Becker, porque se tratava de prestar uma homenagem à Pátria, a que também o Rio Grande pertence por vínculos territoriais, por laços de sangue, de costumes e tradições comuns e sobretudo pelos mesmos sentimentos de fé intemerata. Nós, filhos do grande Estado gaúcho, estremeçemos a pátria comum e também nos sacrificamos pela sua prosperidade”. E após destacar em diversos episódios a presença do catolicismo na história do Brasil, conclui:

“Bem haja, pois, o Congresso Eucarístico, que soube tão sabiamente unir os interesses da Religião e da Pátria, tributando a Jesus Cristo merecidas honras e merecidos louvores, em vista dos inúmeros benefícios que o Brasil tem recebido durante os cem anos de sua independência política e de sua existência nacional. Por isso o Congresso, que representa o Brasil Católico, e portanto, a maioria da nação, impõe ao Centenário uma auréola de inestimável valor, cujas cintilações não de orientar os nossos passos no futuro”...<sup>24</sup>

O simples elenco das cartas pastorais escritas por D. Becker nesse período pode evidenciar sua preocupação em levar avante no sul do país a obra de restauração católica. Eis os seus títulos: *A paz de Cristo e a santificação dos homens*, 1922; *A paz do Rio Grande do Sul*, 1923; *A crise do poder temporal*, 1924; *O Ano Santo*, 1925; *As graças do Ano Santo*, 1926; *A Igreja e a família*, 1927; *O sacerdócio da Igreja e o povo católico*, 1929; *A cristianização da sociedade pela Ação Católica*, 1929; *O comunismo russo e a civilização cristã*, 1930.

#### *D. Duarte Leopoldo e Silva*

D. Duarte era bispo desde o início do século. Vínculos de amizade o uniam a D. Leme, ambos paulistas. Embora tendo até então atuado numa perspectiva pastoral diversa, arcebispo de São Paulo se dispôs a entrar no clima da Restauração Católica.

Por ocasião das festas da Independência, o arcebispo D. Duarte fez uma série de conferências sobre o papel relevante do clero na história do Brasil.

---

24. *Primeiro Congresso Eucarístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1922, 155-161.

Em uma delas, salientando a importância da união entre Pátria e Religião, evoca a visão da Igreja como mantedora da paz e da ordem na sociedade:

“Se o patriotismo é virtude espontânea mais ou menos ativa, sempre desperta no coração brasileiro, mais profundas há de cravar as raízes no coração de quem o não pode separar da idéia de Deus. São dois sentimentos que na alma do padre se irmanam em um mesmo pensamento de abnegação e sacrifício.

Que é de fato, o ministério sacerdotal, senão um contínuo exercício de patriotismo, em busca da pátria celestial pela paz e pela ordem na pátria em que vivemos? Pode-se não aceitar o ideal religioso do sacerdote, refugindo à sua doutrina; mas ninguém lhe dá de negar esforço patriótico, tanto mais nobre e eficaz, quanto mais alta é a mira a que tendem os seus trabalhos. Isto, ao menos, se lhe dá de conceder, que o confirmam os fatos e o registram as páginas da história”.<sup>25</sup>

Não obstante, o prelado procura justificar de alguma forma a atitude de retraimento adotada pela Igreja Católica até o início da década de 20, afirmando em outra conferência:

“Tem-se dito que o clero de hoje já não vibra, como o de ontem, nos estos do patriotismo, abandonando sem compensações, o posto de honra que ele tanto soube dignificar e que a ele mesmo tanto o dignificou. Tem-se dito que, recolhido — e ainda bem — ao piedoso remanso da sacristia, já não ouve o clero brasileiro o entrecocar das lutas em que se resolvem os problemas nacionais. E assim se contrapõem as chamadas *batinas liberais* ao zelo do pastor vigilante que, sobraçando a cruz de um ministério pesado e obscuro, vai afirmando o seu patriotismo no trabalho ingente de formação da consciência e do caráter nacional.

Não é verdade. Mudados os tempos e as circunstâncias, amenizados os costumes, disseminadas as luzes da instrução pública até então escassa e deficiente, o clero brasileiro mudou apenas de tática, sem desertar do seu posto de honra e de sacrifício”.

E conclui:

“Ferido nos seus direitos sagrados, no que mais caro lhe era ao coração sacerdotal, o clero brasileiro não hostilizou a República, antes lhe tem dado, em circunstâncias excepcionais, o concurso de seus homens, de sua doutrina, de sua disciplina, do seu devotamento, do seu exemplo, e sobretudo do seu coração”.<sup>26</sup>

---

25. LEOPOLDO, Dom Duarte, *O Clero e a Independência*, Rio de Janeiro, 1923, 12.

26. LEOPOLDO, Dom Duarte, *O Clero e a Independência*, Rio de Janeiro, 1923, 203-204.

De qualquer maneira, o fato de ter publicado um volume sob o título *O Clero e a Independência*, ressaltando a participação ativa do clero na formação da sociedade brasileira, é suficiente para que o nome do arcebispo seja incluído entre os promotores da Restauração Católica no Brasil.

É o que salienta Apolônio Nóbrega, escrevendo sobre D. Duarte: "Não se pode obscurecer o valor moral e intelectual do respeitável metropolitano, nem esquecer as suas admiráveis Pastorais, bem assim... as monografias de caráter histórico, destacadamente *O Clero e a Independência*..."<sup>27</sup>

#### *D. Francisco de Aquino Correia*

Um dos mais jovens membros do episcopado brasileiro, D. Aquino Correia fora arcebispo de Cuiabá em 1922.

Estava terminando nessa época o seu mandato como Presidente do Estado de Mato Grosso.

Coube-lhe falar no dia 26 de setembro de 1922, no Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro.

Suas idéias são análogas às dos demais bispos anteriormente citados.

Poeta e orador exímio, ele declara:

"Esta voz é um eco do sertão longínquo de nossa terra!..."

Atravessando, ainda há pouco, lado a lado, as amplidões magníficas do Brasil Central, vinha eu agradecendo, do íntimo da alma, ao Criador, o dom inestimável dessa homogeneidade de raça, de religião e de costumes, com que prendou a nossa pátria, e sem a qual pouco lhe valera toda a sua desmesurada vastidão territorial..."

E depois de falar dos perigos do racionalismo, do sensualismo e do egoísmo, conclui:

"Chegou agora a vez do Brasil. O momento não podia ser mais solene nem mais oportuno. É a pátria festejando o primeiro século de sua emancipação política..."

É uma época nova que alvorece na existência gloriosa da Pátria. Era mister que o Brasil Católico, aparelhando-se para a nova etapa, cogitasse também de premunir-se contra os três grandes males que assoberbam o mundo. Urge contratar, também entre nós, as ondas avassaladoras do racionalismo, do sensualismo e do egoísmo, sal-

---

27. NOBREGA, Apolônio, *Dioceses e Bispos do Brasil*, em R.I.H.G.B., vol. 222, Rio de Janeiro, 1954, 232.

vaguardando a fé dos nossos antepassados, preservando, sobretudo na criança, a ingenuidade e a pureza da raça, congregando energias, enfim, disciplinando forças, e dando-lhes a coesão sobrenatural da Eucaristia, para a conquista real dos nossos grandes ideais de povo católico...

A hora não podia ser mais solene nem mais oportuna. Encerramos o primeiro século de liberdade política: vamos abrir o século da liberdade espiritual. Não a liberdade do racionalismo e do livre pensamento, que é a anarquia mental; não a liberdade do sensualismo, que é a licença, que é a anarquia moral; não a liberdade do egoísmo, que é anarquia social; mas precisamente ao contrário, senhores, a nossa libertação de todas essas falsas liberdades.

Queremos a liberdade espiritual dos filhos de Deus, a liberdade que só o Cristo nos pode dar..."<sup>28</sup>

D. Aquino não foi um grande homem de ação. Mas contribuiu sem dúvida para afirmar uma presença da Igreja na literatura, nesse momento de afirmação de valores religiosos e patrióticos.

#### *D. Joaquim Silvério de Souza*

Juntamente com D. Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, D. Joaquim Silvério, arcebispo de Diamantina foram os dois nomes mais significativos da Igreja do Brasil nas duas primeiras décadas do século XX. Dignos sucessores de D. Viçoso, haviam continuado a obra de Reforma da Igreja por ele iniciada.

D. Joaquim Silvério fora escolhido para redigir a Pastoral Coletiva do Episcopado em Comemoração da Independência.

A pastoral coletiva tem dois enfoques principais. Sob o aspecto histórico, ressalta a contribuição do Catolicismo na história do Brasil. Sob o aspecto pastoral, mantém a insistência nos valores tradicionais da moral familiar e do ensino religioso, típicos do período precedente.

Não obstante, essa carta pastoral apresenta um aspecto importante. Pela primeira vez, depois da Pastoral Coletiva redigida em 1890 por D. Macedo Costa, o episcopado brasileiro manifesta-se em grupo numa posição favorável ao regime republicano.

Na Pastoral, os bispos do Brasil afirmam:

"De seu lado, o atual regime assegura à Igreja certa soma de liberdades que lhe facilitam a dilatação no reinado de Jesus Cristo, e,

---

28. *Primeiro Congresso Eucarístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1922, 64-67.

justo é confessarmos; os Poderes públicos têm procurado aplicar a Constituição de modo não infenso ao Catolicismo, que é entre nós a Religião nacional, como na grande república norte-americana é o Cristianismo”.

E acrescentam em seguida:

“Entre as demonstrações de apreço do poder legislativo para com o supremo chefe da Igreja lembramos a resolução de mandar publicar no *Diário do Congresso* a Encíclica acerca da paz.

Esta norma de proceder é de esperar que se vá incrementando, cada vez mais no nosso país cujo ambiente moral é católico, e cujos estadistas e legisladores, regra geral, a exemplo dos da grande república norte americana, em cuja Constituição se inspiraram, entedem que a separação não quer dizer indiferença e muito menos hostilidade”.<sup>29</sup>

Convém ressaltar que em outra passagem a Carta Pastoral exorta os párocos a lutar pelos interesses da religião e da pátria. Eis o texto:

“Num país em que ampla liberdade é concedida a todas as crenças, e nossos antagonistas numa atividade febril agitam a sociedade, porfiando em levar-nos de vencida; numa época em que certa casta de gente, assoalhando maravilhosas teorias, procurar aliciar as novas, inesperientes gerações contra a ordem social estabelecida; não é possível que o pároco, campeão da causa santa, deixe de olhar de frente tão graves problemas, e não se ponha a campo em defesa dos mais caros interesses da Religião e da Pátria”.<sup>30</sup>

O enfoque é típico da Restauração Católica: lutar pela ordem e pela autoridade na sociedade.

No início da era republicana, ao publicar a obra *Sítios e Personagens* o então Pe. Joaquim Silvério mostrara-se bastante descrente da República incipiente. Sem dúvida a evolução do seu pensamento contribuiu muito para a plena aceitação entre os bispos da idéia de uma Restauração Católica, mediante a colaboração entre a Igreja e o Governo.

### *P. Leonel Franca*

Entre os nomes da Restauração Católica no Brasil, avulta já na década de 1920-1930 o nome do padre Leonel Franca.

---

29. *Carta Pastoral do Episcopado Brasileiro por ocasião do centenário da Independência, 1922*, Rio de Janeiro, 1922, 42-44.

30. *Carta Pastoral do Episcopado Brasileiro por ocasião do centenário da Independência, 1922*, Rio de Janeiro, 1922, 55.

Sobre ele escreve João Camilo de Oliveira Torres:

"A renovação religiosa do Brasil, o estabelecimento de bases solidamente intelectuais para a cultura brasileira, deve muito a um sereno jesuíta do Rio, fundador da FUC, filósofo e educador, cuja ação pessoal era motivo de encantamento, que todos afinal, que o conhecemos, acabamos venerando como santo...

A sua obra de escritor, embora de vulto moderado, e pouca originalidade, é extremamente valiosa, e foi de imensa utilidade à época. Não podemos analisar de acordo com as condições presentes da cultura brasileira, que tornam de certo modo, muitos de seus trabalhos de menor atualidade: mas, se considerarmos o que se fazia, então seu vulto cresce e se eleva, como palmeira solitária nas campinas desertas. Era quase um oásis, ao tempo".<sup>31</sup>

Antônio Vilaça, por sua vez em sua obra sobre *O pensamento Católico no Brasil*, dedica-lhe um capítulo sob o título *O pensamento polêmico*.

"Leonel Franca, escreve ele, ainda pertence à fase das polêmicas. Foi um polemista de alto nível. Apologética de erudição. Felizmente era um contemplativo, amava Lallemant e Surin. Conciliou essa dupla vocação de polemista e homem de coração e vida interior.

Escreveu sobre temas protestantes. Seu primeiro grande livro, *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, é uma réplica a Eduardo Carlos Pereira, o gramático de São Paulo. Leonel Franca o escreve como simples estudante de teologia em Roma. Esse livro o releveu de repente ao Brasil. Jackson, Laet, Alceu saudaram-no com entusiasmo. Era o ano de 1922".<sup>32</sup>

Ordenado sacerdote em 1924, vem para o Rio de Janeiro e se coloca à frente do movimento intelectual católico.

Em 1928 ele acompanha a evolução espiritual de Alceu Amoroso Lima para o catolicismo. Em carta de 28 de fevereiro de 1927, Jackson escrevera a Alceu: "Vá conversar com o Franca. A só presença dele é já uma grande luz".<sup>33</sup>

### *Jackson de Figueiredo*

O leigo mais importante nessa primeira fase de implantação da Reforma Católica no Brasil é sem dúvida Jackson de Figueiredo.

---

31. TORRES, João Camilo de Oliveira, *História das Idéias Religiosas do Brasil*, São Paulo, 1968, 198.

32. VILAÇA, Antônio Carlos, *O pensamento católico no Brasil*, Rio de Janeiro, 1975, 123.

33. VILAÇA, Antônio Carlos, *O pensamento católico no Brasil*, Rio de Janeiro, 1975, 132.

Sua atividade como católico se desenrola de fato nessa década de 20, vindo a falecer repentinamente em 1928. Seu nome está ligado à fundação da revista *Ordem* e ao Centro D. Vital.

Sob o título, *A doutrina da Ordem*, Vilaça dedica um capítulo a Jackson de Figueiredo afirmando:

"Liberdade e Ordem... Jackson de Figueiredo encarnou entre nós a doutrina da ordem".

E acrescenta em seguida:

"Jackson colocou no centro da história a Igreja. A defesa da ordem constituída contra a revolução é um aspecto dessa colocação...

Convertido, quis organizar uma elite que lutasse pela recristianização da vida brasileira".<sup>34</sup>

Para Jackson, o catolicismo é uma força de ordem autoridade, moralismo e contra-revolução.

"Embora tivesse sido escritor durante toda a sua vida, afirma Oliveira Torres, podemos dizer que Jackson de Figueiredo foi, principalmente, homem de ação, embora usasse da pena. Seus companheiros, seus discípulos, podemos dizer, todos reconhecem a importância de sua influência, todos proclamam bem alto como ele era uma figura irradiadora do pensamento. Mas a sua obra escrita não dá a impressão de força que todos os depoimentos revelam. Era um homem de ação, que sabia provocar reações às atitudes. Dotado de tremenda sinceridade, descobriu, ao fim de algum tempo, o catolicismo. Convertendo-se tornou-se um paladino da fé até morrer, prematuramente, afogado na Barra da Tijuca, escorregando da pedra de onde pescava".<sup>35</sup>

### *Alceu Amoroso Lima*

É o sucessor de Jackson de Figueiredo na liderança leiga do movimento de Restauração Católica. Sua ação só começa a fazer sentir no fim da década, época de sua conversão e da morte de Jackson. Alceu ficou conhecido na literatura sob o pseudônimo de Tristão de Ataíde.

Eis o perfil que dele traça João Camilo de Oliveira Torres.

"Poucos homens já exerceram na cultura brasileira influência igual e tão benéfica, como Alceu Amoroso Lima, que, mesmo quando dele discordamos, os seus motivos de divergência são respeitáveis.

---

34. VILAÇA, Antônio Carlos, *O pensamento católico no Brasil*, Rio de Janeiro, 1975, 97-100.

35. TORRES, João Camilo de Oliveira, *História das Idéias Religiosas do Brasil*, São Paulo, 1968, 182.

Dotado da elegância nativa dos fidalgos autênticos, bem servido por excelentes qualidades literárias, de bom gosto natural e instinto seguro que lhe fazia descobrir a solução mais adequada, natureza sintônica e simpática, isto é, capaz de sentir com a opinião dominante do momento, Tristão de Ataíde, crítico literário vitorioso, que criou a crítica moderna e deu-lhe extraordinária dignidade, converteu-se para tornar-se o chefe intelectual do catolicismo no Brasil".

E acrescenta depois:

"Se considerarmos sua produção literária em certa época, vamos dizer, na década de 1930, não seria difícil incluí-lo entre os líderes do pensamento direitista do Brasil. Grande parte de sua obra no campo político e social, anterior ao fim da Guerra, respondia a todas as aspirações direitistas da época".<sup>36</sup>

Ao início da Restauração Católica, Alceu está portanto bem próximo do pensamento de Jackson de Figueiredo.

### *Mário de Lima*

Enquanto Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima eram verdadeiros líderes intelectuais, Mário de Lima, embora intelectual, caracterizou-se principalmente por um trabalho efetivo em prol da Restauração Católica.

Os dois primeiros colaboravam com o arcebispo do Rio de Janeiro D. Leme. Mário de Lima colabora com o arcebispo de Belo Horizonte, D. Cabral.

No governo de Artur Bernardes ocupou o cargo de diretor do órgão oficial *Minas Gerais*. Em seguida foi Diretor do Arquivo Público Mineiro, diretor da União Popular de Belo Horizonte e presidente da Academia Mineira de Letras. Por ocasião do Congresso Eucarístico do Rio em 1922 foi convidado a falar, sendo considerado "um dos primeiros intelectuais de Minas".<sup>37</sup>

Foi graças a sua atividade junto ao Governo do Estado, em colaboração com a orientação de D. Cabral, que se autorizou em Minas o ensino religioso nas escolas, importante passo na obra da Restauração Católica.

---

36. TORRES, João Camilo de Oliveira, *História das Idéias Religiosas do Brasil*, São Paulo, 1968, 200.

37. *Primeiro Congresso Eucarístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1922, 103.

#### 4. AS PUBLICAÇÕES

Duas são as principais características das publicações do decênio 1920-1930: a manutenção do caráter apologético, e a afirmação do valor social do catolicismo.

A linha apologética tem nesse período dois adversários principais: o protestantismo e o espiritismo. Já no fim da década, começa a campanha contra o comunismo.

Desde o século XIX a Igreja Católica do Brasil vinha mantendo uma atitude apologética com relação ao ingresso dos protestantes no país. Após a primeira guerra mundial, alguns grupos protestantes passam a se expandir. Em 1921 funda-se no Rio de Janeiro a Associação Cristã de Moços.

A reação do episcopado não se fez esperar. Três bispos publicam nessa época cartas pastorais contra os protestantes: D. Silvério Gomes Pimenta, bispo de Mariana, D. Alberto Gonçalves, bispo de Ribeirão Preto e D. Miguel Valverde, bispo de Santa Maria.

Como eco dessa reação do episcopado, aparece o livro do publicista Soares de Azevedo, com o título *Brado de Alarme*, publicado no Rio em 1922. O autor denuncia a presença sempre mais numerosa e ativa dos protestantes e reafirma os direitos da Igreja Católica na manutenção da fé na sociedade brasileira.

"Nesse mesmo ano Leonel Franca, fazia sua estréia como polemista, publicando o volume *A Igreja, a Reforma e a Civilização*.

Segundo Oliveira Torres, o jesuíta Leonel Franca, nessa obra "de caráter polêmico, procura defender a Igreja de inimiga da civilização e aduz críticas bem fundadas, mas não muito ecumênicas ao Protestantismo. Livro, copioso, erudito, bem feito, marcou época na cultura brasileira, e constituiu valiosa contribuição para o seu objetivo: a revelação do valor teórico do Catolicismo".<sup>38</sup>

Em 1923 D. Leme denunciava o avanço do espiritismo na sua obra *A Ação Católica*.

Em 1926 D. Otávio Chagas de Miranda bispo de Pouso Alegre, publica em São Paulo um volume intitulado *Os fenômenos físicos e o espiritismo perante a Igreja*. É uma obra polêmica contra o espiritismo.

É somente no fim da década que se inicia a orientação apologética contra o comunismo.

---

38. TORRES, João Camilo de Oliveira, *História das Idéias Religiosas do Brasil*, São Paulo, 1968, 200.

Em 1930 Batista Pereira denuncia a presença do comunismo no Brasil.

Nesse mesmo ano o episcopado brasileiro inicia a campanha contra o comunismo, com a carta pastoral de D. João Becker, *O comunismo russo e a civilização cristã*.

Não obstante a linha apologética, o que caracteriza a década 1920-1930 é a afirmação do valor positivo do catolicismo e de sua força social.

Em 1922 o episcopado brasileiro publica a *pastoral coletiva sobre o Centenário da Independência*. Nesse volume coloca-se em evidência a atuação da Igreja Católica na formação da nacionalidade brasileira.

Em 1923 o Centro D. Vital publica a obra *O Clero e a Independência* reunindo conferências de D. Duarte Leopoldo e Silva. O arcebispo de São Paulo destaca a participação do clero nas lutas pela independência do Brasil.

No mesmo ano publica-se o volume de Flácido de Melo, *Pelo Altar e pela Pátria*. É outra edição do Centro D. Vital, na mesma orientação.

Por ocasião do Ano Santo de 1925 Ernesto Vilhena de Moraes retoma o tema publicando em edição especial do Jornal do Comércio o estudo *O patriotismo e o clero do Brasil*.

É também significativa essa edição especial comemorativa do Ano Santo, *Jubileu de 1925*. Esta publicação do Jornal do Comércio é um amplo volume ricamente ilustrado, colocando em evidência a atuação da Igreja Católica no mundo, e especialmente no Brasil, destacando a atividade de bispos, clérigos e ordens religiosas na área social e caritativa.

O tema das vinculações entre Igreja Católica e Pátria volta a tona em 1930, num volume publicado em São Paulo por Batista Pereira, sob o título *A formação espiritual do Brasil*.

Duas obras merecem destaque especial como expressão da nova tomada de posição da Igreja na década de 20. O livro *Ação Católica* de D. Leme e *O Bom Combate* de Mário de Lima.

Em seu livro publicado em 1923 D. Leme traça um programa prático para a atuação das associações católicas na construção de uma sociedade brasileira pautada pelos princípios cristãos.

Em 1929 Mário de Lima já apresenta um dos resultados positivos da Restauração Católica, mediante a aprovação do ensino religioso nas escolas de Minas. A obra *O Bom Combate* enfoca a luta dos católicos pelo ensino do catecismo nas escolas.

Dois convertidos ao catolicismo publicam nessa década suas primeiras obras de inspiração cristã: Jackson de Figueiredo e Tristão de Ataíde.

Escrita em 1921, a obra de Jackson Pascoal e a *Inquietação Moderna* é publicada no ano seguinte.

"1922 — escreve Antônio Carlos Vilaça, é o ano da tríplice revolução, como gosta dizer Amoroso Lima, a política (o Forte de Copacabana), a estética através da Semana em São Paulo e a espiritual, com a fundação do Centro D. Vital e a publicação de livros como *Pascoal e a Inquietação Moderna* e a *Igreja, a Reforma e a Civilização* do padre jesuíta Leonel Franca".<sup>39</sup>

Em 1920, por sua vez, Alceu publicou seus primeiros ensaios de orientação católica.

"Depois de sua conversão ao catolicismo em 1928, Alceu Amoroso Lima — o nosso Tristão de Ataíde — publica três pequenos ensaios: *Tentativa de Itinerário, Freud, De Pio VI a Pio XI*. Era a sua primeira reflexão de convertido: sobre o seu próprio gosto, uma explicação pessoal; sobre uma doutrina que então começava a espalhar-se no Brasil, uma interpretação crítica; sobre a histórica recente do papado, uma apologia, quase. Tal o testemunho de Tristão de Ataíde, no ano de 1929, o primeiro ano de seu apostolado católico"<sup>40</sup>

Não se deve olvidar também a importância da revista *A Ordem* cuja publicação se iniciou em 1921.

## CONCLUSÃO

Ao término deste estudo, alguns aspectos merecem ser destacados.

1. A partir da década de 20 a Igreja Católica do Brasil entra numa nova fase, que pode ser designada sob o nome de Restauração Católica.

No pensamento da hierarquia católica, trata-se de criar uma ordem política e social fundamentada nos princípios cristãos. Essa orientação do episcopado brasileiro encontra apoio nas novas diretrizes dadas à Igreja Universal pelo papa Pio XI, cujo pontificado também se inicia nessa década.

---

39. VILAÇA, Antônio Carlos, *O pensamento católico no Brasil*, Rio de Janeiro, 1975, 103. Convém recordar que Leonel Franca não era ainda sacerdote na época da publicação dessa sua primeira obra.

40. VILAÇA, Antônio Carlos, *O pensamento católico no Brasil*, Rio de Janeiro, 1975, 110.

2. A Restauração Católica não significa uma ruptura com o movimento iniciado pelos bispos reformadores na época imperial. Trata-se apenas de uma evolução da mesma concepção de Igreja. Mantém-se nessa época as três idéias fundamentais do período anterior: necessidade de melhor formação do clero e instrução religiosa do povo; atitude apologética com relação à maçonaria, ao espiritismo e ao protestantismo; mentalidade conservadora no que diz respeito aos problemas políticos e sociais.

3. Existem, todavia, dois aspectos que servem para caracterizar a Restauração Católica.

Em primeiro lugar, consciência da necessidade de uma presença mais efetiva da Igreja na sociedade.

Em segundo lugar, e como consequência do primeiro aspecto, necessidade maior, aproximação e colaboração entre Igreja e Estado.

4. A presença mais efetiva da Igreja visa criar uma sociedade que respeite os valores tradicionais do Catolicismo. Esses princípios morais, religiosos e sociais encontram sua inspiração na mentalidade conservadora, onde predominam os valores de ordem e autoridade. Há pouco lugar nessa concepção para idéias marcadamente liberais, democráticas ou socializantes.

5. Para que de fato a presença da Igreja seja efetiva, os bispos lutam para reconquistar uma série de direitos, privilégios e regalias típicas do período de Padroado, em que a Igreja estivera unida ao Estado. O maior esforço será conduzido na área da família e da escola. Na primeira esfera, a Igreja procura manter a indissolubilidade do matrimônio e o caráter religioso desse vínculo. No segundo aspecto, a Igreja procura reivindicar os direitos ao ensino da religião católica, ampliados depois para a proteção do ensino particular ministrado nos colégios católicos.

6. Nesse período a Igreja se dispõe a uma maior colaboração com o Governo. Ela se considera forte suficientemente para poder dialogar com o poder político em termos de igualdade. O que a Igreja deseja é um acordo de colaboração com o Estado, onde o poder civil e religioso se unam para defender interesses e metas comuns.

7. A Igreja não pretende uma volta ao passado, ou as instituições monárquicas. A atitude do episcopado não é reacionária, mas simplesmente conservadora. Os bispos desejam colaborar com a República que aí está, mas procurando infundir-lhe o espírito cristão. O que se deve temer, na mente do episcopado, é o processo revolucionário e anárquico. Não interessa tanto para a Igreja a forma de governo, como a legitimidade do poder político.

8. A Restauração Católica, iniciada na década de 20, prosseguirá afirmando-se nos decênios seguintes.

Em 1931 será solenemente inaugurada a estátua do Cristo Redentor. Em 1939 se celebrará o Primeiro Concílio Plenário Brasileiro. A partir de 1933 se iniciará a série dos Congressos Eucarísticos Nacionais, com a celebração do primeiro em Salvador, na Bahia.

A Igreja continua sua luta contra o divórcio e em favor da oficialização do ensino religioso nas escolas.

Estes são apenas alguns aspectos da implantação progressiva da Restauração Católica.

Também a reaproximação entre Igreja e Estado, iniciada neste período de 1920 a 1930, continuará em ritmo crescente nos três decênios seguintes.